

IMAGENS DE UM BRASIL AUTORITÁRIO: DESAPARECIDOS NA DITADURA MILITAR NO BRASIL (1964-1979)

José Gerardo Vasconcelos
Marta Maria de Araújo

Em 7 de novembro de 1975, o jornalista Rodolfo Osvaldo Konder, correu no processo do jornalista *Wladimir Herzog*¹, prestou depoimento em São Paulo, anexado, posteriormente aos autos do processo movido pela Arquidiocese de São Paulo:

[...] No sábado pela manhã, percebi que Wladimir Herzog tinha chegado[...] Wladimir disse que não sabia de nada e nós dois fomos retirados da sala e levados de volta ao banco de madeira onde antes nos encontrávamos, na sala contígua. De lá, podíamos ouvir nitidamente os gritos, primeiro do interrogador e, depois, de Wladimir, e ouvimos quando o interrogador pediu que lhe trouxessem a 'pimentinha' e solicitou a ajuda de uma equipe de torturadores. Alguém ligou o rádio e os gritos de Wladimir confundiam-se com o som do rádio. Lembro-me bem que durante essa fase o rádio dava notícias de que Franco havia recebido a extrema-unção, e o fato me ficou gravado, pois naquele mesmo momento Wladimir estava sendo torturado e gritava. A partir de um determinado momento, o som da voz de Wladimir se modificou, como se tivessem introduzido coisa em sua boca; sua voz ficou abafada, como se lhe tivessem posto uma mordaca. Mais tarde, os ruídos cessaram. [...] O interrogador saiu novamente da sala e dali a pouco voltou para me apanhar pelo braço e me levar até à sala onde se encontrava Wladimir, permitindo mais uma vez

¹ Acusado de possíveis ligações com o Partido Comunista Brasileiro – PCB. Nasceu em Osijek/Iugoslávia, jornalista, professor da Universidade de São Paulo, teatrólogo. Foi preso em 25 de outubro de 1975. Morre no mesmo dia, vítima de torturas, embora a versão oficial apresente a morte por suicídio, praticada com o cinto do macacão de presidiário.

que eu tirasse o capuz. Wladimir estava sentado na mesma cadeira, com o capuz enfiado na cabeça, mas agora me parecia particularmente nervoso, as mãos tremiam muito e a voz era débil. [...] Na manhã seguinte, domingo, fomos chamados [...] para ouvirmos uma preleção sobre a penetração russa no Brasil, feita por um homem que me pareceu o principal responsável pela análise das informações colhidas no DOI. Este cidadão, acompanhado pelo 'Doutor Paulo', um japonês de cerca de quarenta e poucos anos, magro, um metro e setenta de altura e de um interrogador de cerca de vinte e cinco anos, alourado, magro e alto, com mais ou menos um metro e setenta e sete. O homem que me pareceu ser o principal é um homem moreno, rosto redondo, gordo, estatura mediana, e uma barba emoldurando o rosto. Ele primeiro se estendeu sobre a questão da espionagem russa no Brasil, e depois nos comunicou que Wladimir Herzog se suicidara na véspera, para concluir que Wladimir devia ser um agente da KGB (KONDER, In *Brasil nunca mais*, 1985, p. 258).

O jornalista *Wladimir Herzog* que, na década de 1970, era integrante do Partido Comunista Brasileiro, ao manter um projeto na TV Cultura em São Paulo, foi preso e assassinado em 25 de outubro de 1975, mesmo que, na versão oficial, tenha praticado suicídio com o cinto do macacão, integra, juntamente com *Manoel Fiel Filho*² (morto em janeiro de 1976); *Pedro Ventura Felipe de Araújo Pomar*³, *Ângelo Arroyo*⁴,

² Operário metalúrgico, preso no dia 16 de janeiro de 1976 sob a acusação de participar do Partido Comunista Brasileiro - PCB. Levado para a sede do DOI-CODI, foi torturado e morto. Os órgãos de repressão emitiram nota no dia 17, afirmando que o operário havia se enforcado com suas próprias meias. As circunstâncias de sua morte são muito parecidas com as que ocorreram no ano anterior, levando os seguintes militantes: José Ferreira de Almeida, Pedro Jerônimo de Souza e Wladimir Herzog.

³ Dirigente do Partido Comunista do Brasil, nascido a 23 de setembro de 1913, na cidade de Óbidos, Pará. Foi Deputado Federal por São Paulo em 1947. Fuzilado em 16 de dezembro de 1976, com 63 anos, na Chacina da Lapa, que na época foi amplamente divulgada, 11 anos depois relembra com a publicação de POMAR (1987).

⁴ Operário metalúrgico, dirigente do Partido Comunista do Brasil, nasceu em 6 de novembro de 1928, em São Paulo. Participou das greves de 52/53 em São



João Baptista Franco Drummond⁵ (mortos conjuntamente na chamada Chacina da Lapa em dezembro de 1976, onde o Comitê Central do PC do B foi fuzilado) e Santo Dias da Silva⁶ (outubro de 1979) a primeira das últimas seis mortes a que os militantes de esquerda foram submetidos na década de 1970. É lembrado por sua esposa, Clarice Herzog, 54, com muito carinho:

Acho que o Vlado tinha várias particularidades. Tinha um sentimento de comprometimento com a vida muito grande e uma lealdade muito grande com as pessoas, muito despojado, inclusive em relação a si próprio. Acho que foi esse comprometimento que o levou a morte (HERZOG, In Teoria e Debate, n. 30, 1995/1996, p. 42).

E os filhos? Como poderiam construir a imagem do **pai/mito**. Para Clarice Herzog,

eles tiveram reações totalmente diferentes. Ivo é uma pessoa que tem uma personalidade muito controladora, ele quer participar de tudo. E o André, ao contrário, se protegeu. Só quando ficou maior, adolescente com 15 anos, um jovem-adulto, começou a participar mais. Depois da morte do Vlado, o Ivo não saía de casa, queria

Paulo. Fuzilado no dia 16 de dezembro de 1975, no bairro da Lapa em São Paulo, juntamente com Pedro Pomar.

⁵ Dirigente do Partido Comunista do Brasil, nasceu em 28 de maio de 1942 em Minas Gerais. O relatório do Ministério da Aeronáutica diz que “foi morto em confronto com agentes dos órgãos de segurança” e, segundo Relatório do Ministério da Marinha, “foi morto num tiroteio em 16 de dezembro de 1976 no bairro da Lapa quando a casa em que se encontrava com outros companheiros foi invadida pelos agentes de segurança”. No entanto, em documento encontrado no Instituto Médico Legal de São Paulo, a causa da morte é dada como “atropelamento” na Av. 9 de Julho esquina com a Rua Paim, Bela Vista, local bastante distante da Lapa” (*Dossiê dos mortos e desaparecidos a partir de 64, 1995, p. 217*).

⁶ Operário metalúrgico, era motorista de empilhadeira da Metal Leve S/A., nasceu em 22 de fevereiro de 1942, em São Paulo. Líder operário bastante reconhecido no meio dos trabalhadores. Era militante da Pastoral Operária de São Paulo e membro do Movimento Contra a Carestia, integrante do Comitê Brasileiro pela Anistia - CBA/SP. Assassinado na porta da fábrica, pela PM paulista, quando comandava um piquete de greve no dia 30 de outubro de 1979, em Santo Amaro.

saber de todos os fatos e o André sumia de casa. Mas eles conviveram bem com a história toda. Apesar de terem pouca idade – o Ivo tinha 7 anos e o André 9 -, eu contei para eles a verdadeira versão. É difícil, porque além de tudo eles conviveram com o mito, mas se orgulham muito disso. Eles se apegaram a coisas do Vlado que lembram o indivíduo, não o mito – a máquina fotográfica, a vara de pescar, o telescópio, o relógio [...] Coisas que eles começaram a guardar com muito carinho (HERZOG, In Teoria e Debate, n. 30, 1995/1996, p. 43).

Temos na realidade uma grande mistura de imagens, que são de, uma forma ou de outra, reavivadas no interior da família. Essa seleção de imagens muitas vezes não pode ser feita pelos filhos, que passam a ter como nunca a necessidade de construir simbolicamente a imagem do pai desaparecido e morto violentamente. Assim apegam-se a determinados objetos cotidianos, no sentido de transformá-los em objeto das recordações individuais. A memória ganha, então, uma dimensão de fortalecimento, mantendo a *identidade* do grupo familiar.

Manoel Fiel Filho estranhamente morrera da mesma forma como morreu o jornalista *Wladimir Herzog*, enforcando-se com as meias. Sua prisão ocorrera logo após a saída da empresa onde trabalhava: Metal Artes, às 9h da manhã do dia 16 de janeiro de 1976. No mesmo dia, conduziram-no até a sua residência e revistaram tudo

No dia seguinte, correu para a porta assim que ouviu um carro estacionado. Um homem alto, forte e bem vestido desceu, perguntou se ela era a mulher de Manoel Fiel Filho, disse ser do Hospital das Clínicas e informou secamente que Manoel se suicidara. Jogou na calçada um saco plástico de lixo contendo as peças do uniforme da Metal Arte que o operário vestia, menos suas meias[...] Teresa – esposa de Manoel – ainda teve de aguentar a demonstração feita por outro oficial com as suas meias,

atando-as com um nó em torno do pescoço. Mas ela não se conteve : não era estranho que o jornalista Wladimir Herzog tivesse morrido da mesma forma? (Teoria e Debate, 1995/1996, p. 47 e 48).

A vida de *Teresa Fiel* prossegue, com seus filhos, seu neto, vivendo na Moóca, no sobrado da Vila Guarani. Já se passaram 20 anos da morte de seu companheiro e Teresa ainda luta na justiça para que a União pague a indenização – cerca de R\$ 260.000,00 e, conseqüentemente, se responsabilize pela morte de Manoel Fiel Filho, resgatando, assim, sua lembrança na memória da família e da sociedade.

Ana Dias, esposa do metalúrgico *Santo Dias da Silva*, assassinado no dia 30 de outubro de 1979, por um Policial Militar durante um piquete na porta da fábrica *Silvânia* em Santo Amaro, viveu o dilema da violência no período autoritário. Ocorrerá, nesse período, a primeira grande greve durante a ditadura, e ela, mesmo depois da anistia, ainda se resguardava dos ventos repressivos. A ação dos militares foi extremada, tendo como saldo a morte de um dos dirigentes do movimento: *Santo Dias*. Essa morte torna-se um símbolo da resistência contra a ditadura. Foi a última morte política que ocorreu na década de 70. Desta forma, *Ana Dias* relembra o companheiro :

A morte de Santo Dias nunca foi esquecida, não quero dizer que sou a tal, mas foi por causa da consciência política que eu tinha de mulher e de trabalho [...] A gente passou por ditadura, por medo de ser preso, por perseguição. Por uma igreja de Libertação, que deixava espaço para o povo, voltamos para a velha igreja. Cada tempo é um tempo. (DIAS, In Teoria e Debate, 1995/1996, p. 51).

A história prossegue, o tempo continua, a vida é, então, feita, desfeita e refeita. A memória subterrânea permanece num processo de fortalecimento das lutas cotidianas que fo-

ram vividas por muitos Dias, Fiels e Herzogs, os mitos da segunda metade da década de 1970. Sua família vive ainda hoje com a presença dessas imagens. Seus filhos ainda têm a certeza de que são filhos quase mitológicos, que suas famílias, mesmo vivendo na normalidade, ainda carregam a herança da violência do pós-64.

Em outros casos, mesmo com os atos de heroísmo de seus pais e companheiros, a referência encontra dificuldades de ser transmitida. Era como se nada existisse e, ao mesmo tempo, um peso imenso tivesse que ser carregado. Era como se as marcas deixadas pelo tempo não representassem cicatrizes, mas feridas expostas e putrefatas que permaneceriam por longos anos, mas que, contraditoriamente, não poderiam aparecer. Na realidade, foram maquiadas pela falta de referências históricas. É o que acontece com *Creonice*, cujo depoimento é citado por PIETROCOLLA (1995/1996, p. 64 e 65), quando explica a situação do filho, que teve o pai desaparecido no Araguaia.

*[...] Até os sete anos ele só tinha a referência do pai que eu dizia ... não existia uma **foto**, não existia nada ... nada... absolutamente nada ... e ele me dizia: 'Todo mundo tem pai por que o meu não tá aqui? E eu onde nasci?' E eu dizia: ' Seu pai morreu. Você nasceu na prisão' E era sempre assim... aí eu comecei a contar mais detalhes ' eu fui presa porque não gostava do governo'. Seu pai morreu porque não gostava do governo'. e eu comecei a detalhar mais a história ... e ele sempre perguntava: 'onde eu nasci? Quê meu pai? ...E acho que ele teve alguns problemas ... ele tem dislexia ... ele tem um afundamento ... mas eu acho que, comparando com os outros, a vida dele foi mais fácil ! Eu acho também que a questão da perda do pai foi uma coisa sem retorno... " A partir dos sete anos ele conheceu a família do pai ... aí ele viu **fotos** dele adulto, conheceu casos de quatro anos da vida do pai ... e da família. Eu acho que prá ele foi muito importante*

... ele valorizou muito isso ... eu acho que ele materializou um pouco esse pai... o pai era algo assim... meio etéreo, e de repente a convivência com a família do pai... Eu acho que ele não tinha elementos nem prá idealizar... Esse pai era... tinha nascido adulto, nascido guerrilheiro ... Então ele não tinha passado para construir... ele passou a queixar a perda do pai com angústia, com muita angústia, tipo assim: 'Mas eu nunca vou ver o meu pai? eu nunca vou saber como ele era' ...porque ...faltava história né? (CREONICE, depoimento citado por PIETROCOLLA, 1995/1996, p. 64 e 65).

Nessas condições, não era possível ao filho de Creonice construir qualquer imagem do pai. A memória era descolada do cotidiano e as referências repassadas careciam de elementos afetivos e simbólicos que pudessem preencher as dúvidas que o filho procurava diminuir. Mesmo com as simples e, ao mesmo tempo, complexas perguntas de criança, as respostas não poderiam ser dadas, muitos escaninhos precisavam ser preenchidos para que a vida pudesse fluir.

Era preciso trilhar o emaranhado de fantasia e de dúvida que pairava sobre a cabeça. Os caminhos precisavam ser refeitos, pois faltava história. O que estava em jogo era um passado quebrado que necessitava de um elo. De onde eu vim, como nasci, quem é meu pai? É o mínimo que qualquer indivíduo pode querer. A violência maior é não poder reconstruir satisfatoriamente essas histórias de vida.

A fotografia de rosto, que inicialmente foi a última trincheira do valor de culto, passa a ter uma grande importância – que para o filho de Creonice não existia até uma certa idade – para a reconstrução da memória familiar. Benjamin (1994) percebe, em relação à fotografia, um valor de culto, sendo substituído pelo valor de exposição.

Com a fotografia, o valor de culto começa a recuar, em relação às frentes, diante do valor de exposição. Mas o



valor de culto não se entrega sem oferecer resistência. Sua última trincheira é o rosto humano. Não é por acaso que o retrato era o principal tema das primeiras fotografias. O refúgio derradeiro do valor de culto foi o culto da saudade, consagrada aos amores ausentes ou defuntos. A aura acena pela última vez na expressão fugaz de um rosto, nas antigas fotos (BENJAMIN, 1994, p. 174).

É como se o valor de culto permanecesse na rede familiar, com as fotografias de rosto humano, e a aura, fundada no culto da saudade, pudesse resistir.

O registro de um tempo congelado poderia dar alguma certeza ao filho e o sentido de que o mesmo fazia parte de um agrupamento social e familiar.

É esse 'sentimento de realidade' a base para a reconstrução do passado. No ato de lembrar nos servimos de campos de significados – os quadros sociais – que nos servem de pontos de referência. As noções de tempo e de espaço, estruturantes dos quadros sociais da memória, são fundamentais para a rememoração do passado na medida em que as localizações espacial e temporal das lembranças são a essência da memória. (BARROS, 1989, p. 30).

No interior da família, a memória é desenvolvida por determinados laços afetivos que envolvem o chamado objeto das recordações dos indivíduos. Há, na família, a necessidade dos guardiães do tempo, dos repassadores das tradições e dos costumes, peças-chaves de armazenamento da memória. Estes seriam, sem a menor dúvida, os avós, responsáveis pela manutenção do que Barros (1989) denominou *valor – família*.

Os avós reconstróem suas vidas, relembando a trajetória familiar e estabelecendo na lembrança a representação da família e suas representações internas. A própria relação de família e do parentesco sofre assim a marca do tempo. Os limites de sua infância são traçados, no

presente, com olhos e elaborações atuais que, embora possam ser explicados e racionalizados em função das mudanças sociais, mudaram as representações dessas pessoas, aparecendo em cada etapa de sua vida com configurações diferentes. (BARROS, 1989, p. 31).

Então, os avós, ao reconstruírem suas vidas, reconstróem a história da própria família, estabelecendo uma relação entre o individual e o coletivo que só pode ser reposta na manutenção e no repasse das tradições familiares.

Especificamente em relação à família, a ligação entre indivíduo/ comunidade se estabelece quando se tematiza a memória subterrânea. É evidente que esse sentimento não poderia ser gerado exclusivamente no coletivo familiar, visto que a família está inserida numa comunidade concreta e histórica. Não podemos esquecer, contudo, que o ponto de vista individual (dos membros da família) sobre o conjunto de valores produzidos socialmente podem fortalecer as relações sentimentais e de amizade produzidas no âmbito da família. Aqui a memória poderia ser um fenômeno de apropriação marginal, que seria repassada nesse círculo íntimo, ganhando um sentido coletivo subterrâneo, conforme assinalou Pollak (1989). Entendemos que, na família, realmente a memória poderá ganhar essa dimensão cimentada pelos afetos, mas a memória individual dos seus membros deve ser realçada a partir das relações que esses indivíduos estabelecem com os seus objetos de lembrança e, evidentemente, com a própria tradição familiar.

A transmissão de bens simbólicos às gerações seguintes situa a família como o lugar dessa passagem, fazendo de cada descendente o alvo e ao mesmo tempo o veículo da preservação dos valores familiares. (BARROS, 1989, p. 36).

Em determinadas situações, a morte, que faria parte desse processo de reciclagem das lembranças, poderia ser

quebrada quando a violência se instaura, impedindo os rituais, ou abatendo a família de forma tal que interrompesse o processo da memória. A morte dos filhos que, por sua vez, já haviam deixado filhos, acaba construindo determinados laços de transferência dos avós em relação aos netos, uma vez que a identidade do grupo deveria ser resguardada. Isso pode ser percebido no depoimento, citado por Pietrocolla (1995/1996), da filha de Idalina e de um líder estudantil desaparecido. A filha chama-se Jurema e nos conta o seguinte:

[...] Meu pai desapareceu, nem corpo a gente tem... nunca se soube nem o paradeiro, nada... desapareceu em outubro de 1973 e nunca se soube... sumiu e pronto! Veio a Anistia e a minha mãe conta que passou um tempão procurando ele pelo Brasil com a minha vó. Eu sei da história mas eu não falo disso com a minha mãe... ela é muito emotiva... e eu nunca pedi detalhe, sabe? Mas não tem essa história de ... meu pai foi herói... a minha avó... bem, ele era d paixão, a loucura dela mesmo, então, ela transfere isso para mim... eu era o que sobrou do filho, entendeu? (JUREMA, depoimento citado por PIETROCOLLA, 1995/1996, p. 65).

O desaparecimento de um membro da família quebra um laço afetivo muito forte, principalmente se isso acontece repentinamente e, é ainda pior, quando ocorre violentamente, fazendo com que o mesmo se transforme numa peça mitológica nas recordações da família. É então que a família e, principalmente, os seus guardiães – os avós – não podendo reconstruir efetivamente a vida do indivíduo que fora exterminado, busca na memória uma reconstrução da “vida roubada”, como imagem-lembrança. Os mais velhos – os avós – que perdem seus filhos violentamente, tendem a preencher o espaço vazio, ou interrompido bruscamente, com os descendentes da família, como se pudessem transmitir o carinho e a ternura que sentiam pelos seus filhos ou

seus entes queridos. É a via que a família encontra para dar prosseguimento à própria existência do grupo e preservar assim sua identidade.

Esse processo, marcado a ferro e fogo com o peso da violência, encontra determinados canais simbólicos de manifestação a partir da família, como se fosse uma última tentativa de se refugiar contra a extrema violência a que foram submetidos. A certeza da prisão e da morte já é algo demasiadamente cruel. Todavia, a violência maior é a perpetuação do sofrimento construído pela incerteza da morte, que muitas vezes não suficientemente clarificada pelos órgãos de repressão, é escondida no interior da própria família para preservar por algum tempo os mais velhos ou as crianças de uma *sombra\vida* que está e, ao mesmo tempo, continuará ausente, restando simplesmente a lembrança como consolo. Também o alívio que a família estabelece reconstruindo todas as suas possibilidades e assumindo, com realismo, as marcas que poderiam em algum momento – talvez distante – até ser esquecidas, mas ficariam gravadas na memória e na luta coletiva e simbólica de um determinado agrupamento que não consegue se desprender de seus mártires – tudo isso é parte de um projeto de luta, de vida e de busca.

[...] a ritualização festiva, a morte e a vida se apresentam em sua ambivalência e em sua complementaridade. O indivíduo podia perder a vida, mas o todo, o conjunto sobreviveria. (MAFFESOLI, 1985, p. 91).

A rede clandestina da família poderia compensar todos os desvios das trilhas e afirmaria todos os caminhos e possibilidades da existência de seus membros, com perdas, ausências, lágrimas, sofrimentos mútuos, desesperos maternos, cortejos fúnebres, integrados numa corrente de dor e de luto. Mas a vida continuava, e segundo Morin (1995),

o nó da complexidade biológica é o nó górdio entre distribuição interna permanente e *auto-poiesis*, entre o vital e o mortal. Enquanto a 'solução' da máquina consiste em retardar o curso da vida da entropia através da alta fiabilidade dos seus constituintes, a solução complexa do vivente consiste em acentuar e ampliar a desordem para nela beber a renovação se sua ordem. A vida funciona com a desordem, tolerando-a, servindo-se dela e combatendo-a simultaneamente, numa relação ao mesmo tempo antagonista, concorrente e complementar. (MORIN, 1995, p. 10).

Será que a desordem da vida se contentaria completamente com a ordenação da morte? O desconhecido, o temeroso que é marcado pelo ritual, necessita do consolo festivo e da continuidade. O desaparecido quebraria esta possibilidade com o não reconhecimento da morte e o necessário prolongamento da vida pelo ritual, ao mesmo tempo em que vida/ morte romperiam a globalidade cósmica.

Referências

BARROS, Myriam Moraes Lins. *Memória e família*. In. *Estudos históricos n.º 3*, São Paulo : Vértice, 1989.

BENJAMIN, Walter. *O Narrador*. São Paulo, Abril Cultural, 1983 (Coleção Os Pensadores).

_____. *A imagem de Proust*. In. *Obras escolhidas I, magia e técnica, arte e política* São Paulo : Brasiliense, 1994.

BRASIL Nunca Mais. Um relato para a história. Petrópolis: Vozes, 1989.

DOSSIÊ dos mortos e desaparecidos políticos a partir de 1964. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1995.

MAFFESOLI, Michel. *A sombra de dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.



MORIN, Edgar. *O Homem e a morte*. Portugal: Publicações Europa – América, 1995.

PIETROCOLA, Luci Gati, Anos 60/70: *A Cultura do medo orientando vidas e trajetórias no Brasil*. São Paulo: Cadernos CERU, Nº 4, 1993.

_____. *Anos 60/70: o viver entre parêntese – perseguição política aos revolucionários e suas famílias*. Tese de Doutorado, defendida na USP em 25.05.95.

PIETROCOLA, Luci Gati. A Herança dos herdeiros. In. *Rev. Teoria e Debate*, nº 30, São Paulo, DCI Indústria Gráfica, 1995/1996.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*, In. *Estudos históricos nº 3 – Memória*. São Paulo: Edições Vértice, 1989.

POMAR, Pedro E. da Rocha. *Massacre na Lapa – como o exército liquidou o comitê central do PC do B*. São Paulo: Busca Vida, 1987.

TEORIA E DEBATE. Nº 30: DCI Indústria Gráfica, 1995-1996.